

O ENTRE MUNDO EM JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: ESTUDO DE DOIS CONTOS

Eide da S. MEDEIROS (UFPA)¹
Sandra M. JOB (UFPA)²

Resumo: O exílio, tema tão antigo quanto à bíblia, é uma recorrente nas literaturas modernas, principalmente nas literaturas africanas de língua portuguesa. Uma das consequências visíveis dele dentro dos textos literários, é a condição de entre mundos no qual ele coloca o personagem. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é averiguar essa condição de possível entre mundos no(s) personagem(s) em dois contos de José Eduardo Agualusa, a saber: “Eles não são como nós” e “Os pretos não sabem comer lagosta” (2002). Sendo esta uma pesquisa de cunho bibliográfico, nosso apoio teórico será Edward Said (2003), principalmente, entre outros teóricos que discutem o tema exílio.

Palavras-chave: Exílio. Entre mundos. Pertencer.

[...] Javé recontrói Jerusalém,
reune os exilados de Israel.
Cura os corações despedaçados
e cuida dos seus ferimentos.[...].
(SALMO 147,2-3)

O exílio, tema tão antigo quanto à bíblia, é uma recorrente nas literaturas modernas, principalmente nas literaturas africanas de língua portuguesa. Uma das consequências visíveis dele dentro dos textos literários é a condição de entre mundos no qual ele coloca o personagem. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é averiguar essa condição de possível entre mundos no(s) personagem(s) em dois contos de José Eduardo Agualusa, a saber: “Eles não são como nós” e “Os pretos não sabem comer lagosta”.

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho obedecerá a seguinte estrutura. Primeiro falaremos sobre o exílio e a condição de se estar em um entre mundos; depois será apresentada algumas considerações sobre a literatura africana em língua portuguesa com enfoque em José Eduardo Agualusa e, em seguida, apresentaremos a nossa análise. E, por fim, as conclusões que o estudo dos contos possibilitaram sobre o tema abordado.

No que se refere ao exílio, vale antes de iniciar a discussão, citar o poema abaixo:

Mas eu sou o exilado.
Sela-me com teus olhos.
Leva-me para onde estiveres-
Leva-me para o que és.
Restaura-me a cor do rosto
E o calor do corpo

¹Graduanda do curso de Letras – Campus Universitário do Marajó-Breves

² Professora da Faculdade de Letras da UFPA, Campus do Marajó/Breves.

A luz do coração e dos olhos,
O sal do pão e do ritmo,
O gosto da terra...a terra natal.
Protege-me com teus olhos.
Leva-me com relíquia da mansão do pesar.
Leva-me como um verso da minha tragédia:
Leva-me como um brinquedo,um tijolo da casa
Para que nossos filhos se lembrem de voltar.

O poema acima, presente nas primeiras obras de Mahmoud Darwish³, reflete a necessidade do poeta de transformar a dor da perda, do não pertencer em algo lírico e indiscutivelmente lindo.

Leva-me como um brinquedo, um tijolo da casa
Para que nossos filhos se lembrem de voltar

Transformar a perda de identidade, entre outros malefícios psicológicos provocado pelo exílio, em grandes obras literárias foi/é o caminho escolhido por muitos exilados à espera do retorno à sua terra natal. Transformar a dor em arte atua como um combustível para o exilado seguir em frente. Torna-se o alimento da poesia, do fazer poético. Este é um caminho encontrado por muitos para amenizar e/ou expurgar uma dor latente, que dói, mas cuja ferida não é visível.

Nesse sentido, de acordo com Said (2003), exílio é algo que mutila e deixa marcas incuráveis, e que passa por um processo de suavização ao ser transpassado para a literatura. Ainda de acordo com ele, a literatura do exilado tenta sempre por meio de grandes aventuras heróicas suplantar a dor do exílio, através de conquistas/aventuras, como se fosse possível para aquele que foi arrancando de suas raízes esquecer o que foi deixado pra trás – os amigos, a família, o emprego ou aquela rua que ele reconhece como sendo sua rua, a casa que é sua e todo o entorno que é o seu lugar. Para ele, o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o seu eu e seu verdadeiro lar.” (SAID, 2003, p. 46).

Com esse conceito em mente não fica difícil imaginar que o exílio é uma entre tantas formas cruéis de castigo inventadas pelo homem. Uma de grande destaque e que mais estragos causa, afinal como viver em paz sabendo que seu “verdadeiro lar” está a sua espera e se ver simplesmente impedido de estar nele? Não seria como encontrar uma fonte de água no deserto e não poder alcançá-la? E que aflição maior do que querer tanto uma gota de água e ela lhe ser negada?

Seguramente o exílio deixa o indivíduo em uma situação angustiante, em uma “condição de perda terminal” (SAID, 2003, p. 46). E essa perda advém da quebra brusca de um laço intrínseco em todos nós: a nacionalidade.

³Mahmoud Darwish (1942-2008) foi um poeta e escritor árabe nascido na Palestina, autor da *Declaração de independência da Palestina*, entre outras obras.

A nacionalidade, expressa de tantas formas, está diretamente ligada ao exílio, isto é, ao “pertencer”, do estar dentro de um grupo. Mais do que isso, o pertencer é igual ao ser, uma vez que **sou** brasileira por **pertencer** ao Brasil. Ao perdemos isso temos nossa identidade arrancada e sem identidade simplesmente não existimos. Esse não existir é uma das teias angustiantes causada pelo exílio.

O nacionalismo seria, portanto, o antídoto para o exílio. Ele (nacionalismo) é o seu contrário (exílio) que ao mesmo tempo que se repelem, necessitam-se como a maior das antíteses: a do Bem e o Mal. Afinal, os grandes sentimentos de nacionalismo e de se unir a seus “iguais” não nasceram de grandes separações? Como ocorreu na Alemanha quando inundados da necessidade de pertencer e ser só uma nação deu-se início a luta pela unificação de 18 de janeiro de 1871, entre tantos outros exemplos.

Assim como o exílio é estar fora do grupo, o nacionalismo é estar com o próprio grupo. Uma vez fora desse grupo não há uma pátria a defender, não há raízes, não há costumes a seguir. E, “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana” (WEIL apud SAID, 2003, p. 56). Simone Weil⁴, autora da frase, simplificou o que todo exilado busca e o que todo não exilado tem: raiz, saber que pertence a algum lugar. É este, talvez, por nunca lhe ter sido tirado esse saber não dá importância às suas raízes, a famosa pátria-mãe.

Como ter raízes é uma necessidade, na ausência de uma, “os exilados criam um mundo novo a governar” (SAID, 2003, p. 54). Contudo, mesmo quando conseguem isso continuam a se sentir perdidos, diferentes e fazem com que os outros sintam essa diferença. Todavia, Said (2003) afirma haver uma alternativa ao exilado, uma via de escape e sobrevivência, onde o exilado deve aproveitar sua condição para aprender e ver a vantagem que tem sobre ou outros, isto é, saber que nenhuma pátria é eterna, e que se pode fazer parte de todas e de nenhuma ao mesmo tempo. Se é que saber isso se torna uma vantagem.

O exílio gera muitas consequências negativas na e para a vida do indivíduo e a de se encontrar/viver entre mundos é, talvez, a maior delas.

O exilado vive num entre mundo. Em outras palavras, a partir do momento que ele (exilado) não pertence mais a sua terra ao mesmo tempo que também não faz/se sente parte de outra, ele se encontra/vive no que Said (2003) chama de entre mundo. É o sentimento de não-pertencer nem ao lugar do passado/ terra natal, nem ao local em que se vive no presente.

⁴ (1909-1943) Escritora, mística e filósofa francesa.

A crueldade/ou a solidão/o abandono do viver entre mundo além do não pertencer está, acima de tudo, na sensação do não ser, do não existir. Neste contexto, o pensamento de Descartes⁵ de “penso, logo existo” pode ser adaptado para o “pertencço, logo existo”,já que ao se encontrar entre mundo e ser consciente de tal condição, ela se torna mais verdadeira do que nunca. O indivíduo deixa a possível tranquilidade da ignorância para se tornar consciente de seu não-pertencimento, passa a pensar sobre ele e ao concluir que de fato não há uma *casa* para a qual voltar, uma pátria para chamar de sua, pode acabar por atestar para si mesmo a sua não- existência, afinal, como existir sem pertencer?

Em suma, a questão do exílio e suas consequências sempre foi um tema pelo qual a literatura se interessou, assim como tem atraído/interessado a literatura africana em língua portuguesa que tem mergulhado na situação do exilado, mas indo além da personificação de grandes heróis, pois tem buscado e mergulhado na complexidade da mente humana. A mente de um “sem raíz”. Com isso, tem trazido à tona, a partir dos personagens fictícios, os sentimentos, os horrores de quem têm sobrevivido à guerra civil em África de língua portuguesa e/ou daqueles que se exilaram por este ou outro motivo. Exemplo de literatura/autor que trabalha com essa questão é José Eduardo Agualusa.

Agualusa diz sobre ele mesmo que “[...]. Quem eu sou não ocupa muitas palavras: angolano em viagem, quase sem raça. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde [...]”⁶. Entre suas obras publicadas há romances, *A conjura* (1989); poesias *O coração dos bosques* (1991); novelas, *A feira dos assombrados* (1992) e contos como os que serão estudados aqui: “Eles não são como nós” e “Os pretos não sabem comer lagosta”⁷. Contos que abordam mais do que o exílio, o exilado e sua condição.

O conto “Os pretos não sabem comer lagosta” apresenta Jimmy Water, americano e negro que vai até Angola em busca de suas raízes, em busca de um lugar ao qual pertencer ou no qual pudesse se sentir parte dele. Ou seja, trata-se de um personagem que vive algum tipo de exílio, visto que é americano e ao se encontrar em África confessa: “finalmente estou em casa” (AGUALUSA, 2002, p.88). O advérbio “finalmente” deixa transparecer que ele estava em busca dessa “casa”. Além disso, deixa transparecer também que o outro lugar de onde veio não era sua casa. Daí, portanto, concluirmos que o personagem era um exilado, visto que achava/se sentia em casa no momento em que estava em África. Se ele se sentiu assim, era por que não pertencia, não se sentia em casa no lugar de onde viera que, no caso, era nos Estados Unidos.

⁵ Filósofo, físico e matemático francês durante a Idade Média, também chamado de “fundador da filosofia moderna” e “pai da matemática” (1596-1650).

⁶ Informação disponível em: <<http://pt.m.wikipedia.org/Joséeduardoagualusa>>. Acesso em 04 fev. 2014.

⁷ Contos presentes no livro *Fronteiras perdidas* (2002).

Contudo, o exílio, como já foi comentado anteriormente, deixa muitas consequências. Consequentemente, o exílio do personagem não se finda ao se encontrar em África, em casa, muito pelo contrário, pois é nesse momento em que se encontra em “casa” que uma das consequências do exílio se faz presente: o estranhamento. Justo ali em África, onde tudo teria começado, onde poderia estar suas raízes, que ele pode dizer e se sentir em casa que a sensação do estranhamento caiu sobre o personagem.

Para evitar tal estranhamento, o personagem Jimmy busca apoiar-se em parentescos remotos e, por isso, de acordo com outro personagem, o Aldemiro, “Jimmy acha que é tetraneto da rainha Ginga. [...]” (AGUALUSA, 2002, p.88).

Talvez, em uma outra situação, ser tetraneto de uma antiga rainha africana fosse algo irrelevante na história de Jimmy Water, mas ao não se sentir pertencente ao lugar que *deveria* ser seu, afinal estava em África, onde todos os seus antepassados estiveram, esse parentesco se torna automaticamente algo grandioso e o personagem deposita as esperanças e expectativas neste frágil elo.

Contudo, para o exilado, que se encontra num entre mundo, como é o caso do Jimmy, não basta a ele querer ser/pertencer/se sentir parte, é necessário que a outra parte também queira o mesmo, mas Jimmy, negro como o outro, e visto pelo outro assim:

[...] alguém devia explicar a este cidadão que nós queremos simplesmente o dinheiro dele.

Aldemiro sorriu para Jimmy e traduziu:

-O Carlinhos diz que está feliz por ver os Afro-Americanos decidiram finalmente investir em Angola.(AGUALUSA,2002, p.88)

Ou seja, se nos USA Jimmy não era um americano para os americanos e/ou não se sentia como um americano, como ele deixa transparecer ao longo do conto, em África, para os africanos, ele era um americano, ele não era um igual. Para o amigo africano de Jimmy, “– Preto é você! – corrigiu Café. – Esse senhor é americano.”(AGUALUSA, 2002, p. 87).

Nos USA, ele não se sentia americano por ser preto; e em África, ele não era africano por que era americano. É como uma bola de ping-pong que vai de lá pra cá. O fato é que Jimmy percebeu pela primeira vez que aquela terra também não era sua. Ele encontrava-se, então, irremediavelmente no entre mundos que o exílio o colocará, pois [...]. Tinha regressado à África, estava na terra da sua avó, a rainha Ginga, e aquela não era a sua casa.(AGUALUSA, 2002, p.91).

Quanto ao outro conto a ser analisado, “Eles não são como nós” é um retrato de um país dividido por uma guerra civil onde o caos impera e tal situação deixa seus habitantes sem opção de vida, como é exposto pelo personagem:

-Estávamos seminaristas,mas o seminário fechou.Então fomos professores nas jornadas de alfabetização e depois nos alistaram nas forças armadas.Fizemos a guerra durante vinte anos.Matamos e morremos muitíssimo.
(AGUALUSA,2002,p.71).

A guerra vivenciada pelo país empurra seus habitantes às formas mas indignas de sobrevivência,e os leva a iniciar uma busca por um lugar que seja deles, como acontece com o personagem soldado da guerra em Cuíto,uma vez que o país que outrora foi sua pátria já não lhe pertencia, como o mesmo diz em tom de quase confissão “[...]. Este país também já não é o nosso [...]” (AGUALUSA,2002, p.72). A estranheza do seu lugar assusta e a incerteza se haverá outro mais ainda, e com a certeza de não ser/se sentir mais parte do qual deveria ser o seu chão, vem a inevitável sensação de abandono e esquecimento, que o indivíduo vivendo entre mundo sente como uma constante, expressa pelo soldado cansado das guerras: “[...] Deus abandonou-nos e o mundo esqueceu-se de nós.” (AGUALUSA, 2002, p.72).

Ser esquecido em vida é algo que o personagem tem que lidar e que os que vivem entre mundo não podem evitar, é a certeza da morte em vida pela qual o personagem passa, confirmada por D. Filipinha quando informada da morte de quem ela mesma havia ajudado minutos atrás: “ - Não era meu amigo – disse. – E de qualquer forma já estava morto.” (AGUALUSA, 2002, p.73).

Tão morto estava o personagem quem nem nome tinha,era um sem identidade, um ser inexistente, como o diálogo abaixo mostra:

-Como é que você se chama?
O homem encolheu os ombros:
- Nós não temos nome!(AGUALUSA,2002,p.71)

A mesma “morte” pela qual o exilado, vivendo entre mundo, passa: sem um porto seguro, sem identificação com nada e sem identidade nenhuma, sem aceitar e ser aceito em parte alguma. Não ter um nome pelo qual possa ser chamado é talvez a representação máxima de sua condição de não ser de canto algum, de não pertencer a lugar nenhum.

Nesse sentido, os contos analisados nos permite perceber o tema do exílio não através de grandes e épicas histórias, mas sim através de pessoas, representados pelos personagens que deixaram sua terra por uma ou outra razão. Os contos estudados nos fazem mergulhar em questões mais profundas e dramas intensos, como o de personagens que se encontram vivendo entre mundos. Esse contato com esse tema, esse tipo de literatura nos leva a questionar sobre a nossa própria vivência/existência. Além disso, tal análise levou-nos a entender a importância de se ter uma identidade e de quanto ela pode dizer sobre o que somos, a que local pertencemos

Possivelmente mais do que entender, possibilitou-nos estar na pele dos personagens e viver/sentir o que eles e milhões de pessoas ao redor do mundo sentem diariamente sem perspectiva

de mudança. Mas fez-nos perceber isso não de forma indiferente e distante, mas sim como algo mais pessoal, mais nosso. Nesse sentido, difícil foi não relacionar aquele mundo com esse nosso e perceber o quão fascinante esse “novo mundo” é, e o tanto que ele ainda pode ser explorado em todas as suas vertentes.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Fronteiras perdidas**. 3. ed. Portugal: Dom Quixote, 2002.

HAMILTON, Russel. **África e Brasil: letras em laços**. São Caetano do Sul : Yendis Editora, 2006

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.m.wikipedia.org/Joséduardoagualusa>>. Acesso em: 04 fev. 2014.